

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO NA ÉGIDE DA TEORIA ENUNCIATIVA DE CULIOLI.

CONSIDERATIONS ON NUMBER AGREEMENT IN BRAZILIAN PORTUGUESE UNDER THE AEGIS OF CULIOLI'S ENUNCIATIVE THEORY.

Recebido: 17/11/2024 Aprovado: 02/02/2025 Publicado: 22/02/2025
DOI: 10.18817/rlj.v8i3.3937

Elza Moreira Alves¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-0522-1622>

Marcos Luiz Cumpri²

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-2136-7341>

Resumo: este artigo se concentra no fenômeno comumente conhecido em Semântica por *blending*. Nele, o sujeito enunciador, no processo de construção de enunciado, empacota semanticamente, numa única representação, o que seria mais de uma representação morfossintática. Partimos da hipótese de que fenômeno não é uma categoria morfossintática nas línguas naturais, mas uma categoria de linguagem. Pautados na Teoria das Operações Predicativas Enunciativas (TOPE) de Culioli (1990), (1999a), (1999b) mostraremos a análise de /mão/ em português brasileiro a fim de mostrar que o *blending* resulta da organização e do funcionamento dos domínios nocionais e não das representações linguísticas em si. Metodologicamente retiramos um enunciado base da plataforma virtual *Corpus Brasileiro* e o manipulamos formando famílias parafrásticas para acessar, pela dinâmica posta pelas articulações língua e linguagem e léxico e gramática, as operações que sustentam esse fenômeno. Como conclusão dizemos que para uma abordagem operatória como a TOPE existe um nível mais profundo de análise do número que supera a oposição arbitrária e diacronicamente marcada entre singular e plural que se reverbera pelo fenômeno *blending*.

Palavras-chave: *blending*; semântica; operações predicativas e enunciativas; linguagem; plural.

Abstract: this article is focused on an investigation of the phenomenon commonly known in Semantics as *blending*. In it, the enunciating subject, in the process of constructing the utterance, semantically packages, in a single representation, what would be more than one morphosyntactic representation. We start from the hypothesis that this phenomenon is not a morphosyntactic category in natural languages, but a language category. Based on the Theory of Predicative Enunciative Operations (TOPE) by Culioli (1990), (1999a), (1999b), we will show the analysis of /mão/ in Brazilian Portuguese in order to show that *blending* results from the organization and functioning of notional domains and not from linguistic representations themselves. Methodologically, we picked up a base statement from the Brazilian *Corpus* virtual platform and manipulated it by forming paraphrastic families to access, through the dynamics set by the articulations of language and language and lexicon and grammar, the operations that support this phenomenon. In conclusion, we say that for an operative approach like TOPE there is a deeper

¹ Possui Licenciatura em Letras/Literatura pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT(2000). Mestrado em Ciências da Linguagem pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR (2009). Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia, campus Vilhena/RO. Doutorado em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, campus Cáceres/MT, (2024). E-mail: elza.moreira@ifro.edu.br

² Possui graduação em Letras/Bacharelado e Licenciatura Português - Inglês (2001) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, mestrado (2008) e doutorado (2012) em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente é docente permanente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso/Campus de Cáceres e membro do Grupo de Pesquisa Variação e invariantes na linguagem. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística e Linguística Aplicada ao ensino de línguas. E-mail: marcoscumpri@yahoo.com.br

level of analysis of number that overcomes the arbitrary and diachronically marked opposition between singular and plural that is reverberated by the blending phenomenon.

Keywords: blending; semantics; predicative and enunciative operations; language; plural.

1 Introdução

Este artigo, em linhas gerais, põe em discussão a concordância de número do português brasileiro sob a lente do fenômeno linguístico *blending*, no amparo teórico-metodológico da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), sobretudo nos trabalhos de Culioli (1990, 1999a, 1999b). A hipótese central é a de que o *blending* não é uma categoria morfossintática nas línguas naturais, mas uma categoria de linguagem. Para comprová-la, recorreremos a algumas reflexões teóricas e à análise linguística do marcador³ /mão/ a partir de operações de linguagem que estão na base da TOPE.

O *blending* ocorre no Português brasileiro (doravante PB) quando os sujeitos interlocutores, no processo de construção de enunciado, “empacotam”, semanticamente, em única representação, o que seria mais de uma representação morfossintática. Por exemplo, quando alguém enuncia: É possível fazer pé e mão em duas horas? Os marcadores /pé/ e /mão/ não estão pluralizados, mas os sujeitos interlocutores compreendem que existe algo múltiplo nesta enunciação.

Formalmente o texto está organizado em 4 seções, além desta introdução, das considerações finais e das referências bibliográficas. Na seção 2, “Gramática Tradicional x Linguística Enunciativa no trato da concordância de número”, opomos um ponto de vista estático e um dinâmico acerca do plural morfológico no PB. Na seção 3, “Aspectos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas”, situamos nosso alicerce teórico no cenário dos estudos da linguagem, sobretudo o papel da triplice relação das representações mentais. Na seção 4, “*Corpus* e análises”, manipulamos, com o recurso da paráfrase, um enunciado base com o marcador /mão/ confrontando as ocorrências de *blending* buscando encontrar as operações linguísticas que permitem o plural semântico. Na seção 5, “Algumas reflexões sobre a análise”, descrevemos algumas generalizações que encontramos após a manipulação do enunciado proposto na análise.

³ Assumimos o termo marcador em detrimento de palavra por que na base teórica de Culioli, cada unidade linguística é sempre um marcador de operações de linguagem.

2. Gramática Tradicional x Linguística Enunciativa no trato da concordância de número

Há, em Linguística, uma polarização que se estabelece pelo conceito de forma, o qual raramente encontra consenso entre as diferentes correntes. Afinal, migrar de uma ideia de forma enquanto uma representação linguística alicerçada no que se entende como produto para uma ideia de representação abstrata em que a produção é ainda mais preponderante não é simples. Isso porque a nossa maior herança do conceito de forma provém da tradição greco-romana, o que faz que o apreendido e o aprendido de uma língua natural, em seus modos empíricos, esbarrem no que a gramática registra dessa língua após um recorte radical do que é imprevisível.

A Gramática Tradicional, no tocante à concordância de número, ocupa-se em normatizar as relações de harmonia que envolvem o gênero e o número entre os termos de uma oração seja ela falada ou escrita, “há concordância de número singular e plural (...) como há a concordância de pessoa gramatical entre o sujeito e o predicado” (Câmara Júnior, 2015, p. 82). Na tradição lógico-gramatical as marcas morfológicas são entendidas como atributos padrões para o plural.

De acordo com Ali Said (2001) a concordância é o processo sintático em que certas palavras, por serem flexionáveis, devem assumir as formas de número, gênero ou pessoa correspondentes à palavra ou palavras a que no discurso se referem. Deve-se fazer concordar a morfologia do verbo com a sintaxe do sujeito ou do núcleo do sujeito a que se refere. O verbo deve concordar em número e pessoa com o sujeito. Falar ou escrever não se atentando a essa norma é transgredir os limites que foram estabelecidos pela GT.

Na gramática normativa de Perini (2010) há o entendimento de que, para sintagmas nominais simples, as variedades cultas requerem que elementos determinantes e modificadores concordem em número com o núcleo do sintagma nominal, e que o verbo concorde em número com o sintagma nominal sujeito. Nesse sentido, a marca de plural, o morfema -s, muitas vezes se pontua apenas no termo determinante ou no termo quantificador do termo nuclear. Os termos nucleares não recebem o indicar de pluralização, já que os termos antepostos aos núcleos se encarregam da informação de multiplicidade. Outra situação que pode acontecer é a ausência de termos antepostos aos nucleares. Há ocorrências em que o falante poderá empregar a forma do sintagma nominal de maneira genérica.

Para Mourão (2023) as variedades cultas empregam um padrão mais redundante de concordância de número: se o núcleo do sintagma nominal sujeito exibe marca de plural, todos os elementos determinantes e modificadores flexionáveis, bem como o verbo principal núcleo do sintagma verbal, também devem exibi-la. Os falantes do PB nem sempre se atentam aos aspectos normativos da língua e dispensa-se, tanto no nível da oração quanto no nível interno do sintagma nominal, a combinação de elementos sem marcas explícitas de número com elementos marcados.

Já a Linguística Enunciativa, aqui representada pela TOPE, busca analisar o número por uma perspectiva semântico-enunciativa e desfazer a estabilidade que um morfema -s garantiria à oposição entre uno e múltiplo. Reconhece que marcadores embora estejam morfologicamente no singular, semanticamente remetem ao plural.

De acordo com Romero (2019, p. 180), “os marcadores, em uma língua, são os traços das operações cognitivas que os constituem”; são operações que se acontecem simultaneamente ao processo de produção e reconhecimento enunciativos. Nesse viés, o *blending* possibilita estudar o número, um plural morfemático porque a atividade de linguagem pode se explicitar sempre que os enunciadores buscam na própria língua a relação híbrida de singular e plural. Alguns marcadores do PB apresentam sentidos de unicidade ou de multiplicidade a depender do contexto porque o plural, antes mesmo de ser uma marca morfológica, é semântico.

As marcas morfossintáticas levam sempre a um fenômeno de retomada na sequência a partir da variação morfológica de um termo base. Por isso, em enunciados como “lave a mão antes de pegar na comida” é possível realizar a diferenciação entre singular e plural empregando pressupostos culiolianos. O enunciado estabiliza o marcador /mão/ dentro da noção <ser mão>.

A noção é “o feixe de propriedades físico-culturais que nós apreendemos através da nossa atividade enunciativa de produção e de compreensão de enunciados” (Culioli, 1999b, p. 9, tradução nossa)⁴. No geral, os interlocutores apenas conseguem acessar e apreender uma noção por meio dos traços materiais que são os textos. Para encontrar o que queremos do marcador /mão/ é preciso espremer o maior número de enunciados possíveis, por meio das famílias parafrásticas, para abstrair deles as operações de linguagem que nos levam apreender o funcionamento

⁴ No original: “Décidons d’appeler notion ce faisceau de propriétés physico-culturelles que nous appréhendons à travers notre activité énonciative de production et de compréhension d’énoncés”.

do referido marcador. Além disso, as operações de linguagem que determinam o número está presente no PB porque estão na zona de contato entre o conteúdo verbal, o cognitivo e o cultural.

Segundo Culioli (1999b), há, na categoria de número, a repartição arbitrária de acordo com a variação diacrônica de uma dada língua natural e a possibilidade de redução de toda a classificação ao seguinte sistema: descontínuo/contínuo; quantidade/qualidade; totalidade; relação entre o genérico e a quantidade; relação entre quantidade e propriedade; reagrupamentos nocionais; relações mais ou menos claras entre a categoria do “número” e aquela do “gênero”; entre a categoria do número e categoria do determinado, segundo as línguas.

A utilização do plural como modulação é comum porque o plural torna mais aceitável o pressuposto de que o substantivo tenha conotações de marcação de espaços ilimitados. O plural está associado ao valor do determinado, isso nos leva a compreender que pluralizamos com o objetivo de marcar a multiplicidade, “o que, compreensivelmente, só é possível para substantivos que designam as classes (coleções) de seres fisicamente distintos” (Culioli, 1999b, p. 42, tradução nossa)⁵. A pluralização marcará atos com relação a uma propriedade ou objetos distintos e atos com relação a um objeto composto apreendido coletivamente.

Culioli, reconhecendo que o número é “uma categoria gramatical fundada sobre um jogo de correspondências entre, de um lado um conjunto de marcas morfossintáticas e, de outro, um sistema de operações e um sistema classificatório” (Culioli, 1999b, p. 40, tradução nossa)⁶, subsidia a criação de um campo metalinguístico em que se mostrem e se (des)estabilizem construções em que determinadas unidades linguísticas não requerem convencionar a pluralização mesmo que esteja implícita uma unidade de medida. Assim, A partir de uma abordagem operatória compreende-se como as unidades da língua nos conduzem a noções semânticas indeterminadas porque relativamente estabilizadas na cultura, mas sempre abertas a um horizonte de sentido que transcende e ultrapassa o que está construído e estabilizado em um determinado momento para uma dada cultura.

⁵ No original: “le pluriel est, d’une côté, associé à la valeur du “déterminé”, ainsi quand on pluralise, pour marquer la multiplicité, ce qui, on le comprendra aisément, n’est possible que pour des substantif désignant des classes (collections) d’êtres physiquement distincts”.

⁶ No original: “le nombre est une catégorie grammaticale fondée sur un jeu de correspondances entre, d’un côté, un ensemble de marques morphosynthétiques et, de l’autre, un système d’opérations et un système de classement”.

3. Aspectos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas

A TOPE, pautando-se no conceito de que linguística é uma ciência e de que línguas naturais são arranjos gramaticais e lexicais que se apresentam como formas interpretáveis em situações particulares de diálogo, propõe que, a partir de problemas linguísticos cujas hipóteses remetem a uma necessária deformidade semântica, busquem-se as operações de linguagem que constituem o enunciado e atribuem valores referenciais às marcas linguísticas. É trabalho do linguista “investigar os invariantes que fundamentam e regulam a atividade de linguagem” (Culioli, 1999a, p. 96)⁷.

Segundo Franckel; Paillard; De Vogüé (2011), a linguagem é um traço do pensamento organizado de um modo específico entre outras formas possíveis de pensamento que supõe ela mesma uma infindável atividade epilinguística, que é “um diálogo interno que sustenta o caminho externo e visível de atribuição de valores, significados, leituras, interpretações etc (...) ao mesmo tempo e conseqüentemente esse diálogo externo que permite a existência e a densidade do diálogo interno” (Rezende, 2000, p. 285). Esta atividade interna se fixa em dois processos distintos: o primeiro é o da produção de formas e o segundo é o de reconhecimento de formas.

As categorias são construídas por meio da relação sujeito, linguagem e mundo. É preciso mostrar o modo pelo qual os enunciados evidenciam esse processo. É durante a atividade de linguagem – que detém a capacidade humana de elaborar representação, referenciação e regulação – que os sujeitos enunciadore manifestam suas intenções do que querem dizer e, concomitante a isso, portam consigo noções predicativas dadas de maneira qualitativa e que se delimitam de forma quantitativa.

Os processos de organização da experiência são teorizados a partir da percepção por isso movimenta-se o domínio daquilo que é imediatamente observável em busca de formalizar os processos de produção e reconhecimento implícitos nas sequências textuais provenientes de uma mesma *lexis* que é como “o que induz o sistema gerador” (Culioli, 1990, p. 137, tradução nossa)⁸. A *lexis* é uma forma abstrata

⁷ No original: “rechercher les invariants qui fondent et règlent l’activité de langage”.

⁸ No original: “On sait que nous appellerons *lexis* ce qui induit le système générateur et famille paraphrastique la classe de énoncés, que l’on peut définir comme une classe d’occurrences modulées”.

que está na origem de um conjunto de enunciados que podem ser gerados a partir dela, mas “não é um enunciado” (Culioli, 1999a, p. 101, tradução nossa)⁹, pois, neste estágio, ainda não está localizada numa relação espaço-temporal. Contudo, nela nós encontramos a fórmula que liga uma relação primitiva aos termos de um conteúdo proposicional, é um esquema vazio de relações que nos leva à criação de uma família parafrástica “que é a classe de enunciados, que podemos definir como uma classe de ocorrências moduladas” (Culioli, 1990, p. 137, tradução nossa)¹⁰. No exercício de parafraseagem existem, necessariamente, consideráveis alterações no equilíbrio das determinações do enunciado base porque “a paráfrase é uma possibilidade de equivalência local e supõe que qualquer forma pode ter valores localmente variáveis e que esses podem se relacionar com aqueles de outra formas” (Cumprí, 2017, p. 182).

Desse modo podemos regular uma enunciação por meio da paráfrase que “é falar ou escrever a mesma coisa de outro modo” (Rezende, 2008, p. 97), é um mecanismo que remete ao domínio daquilo que nós podemos ajustar, equilibrar. Por esta perspectiva, as paráfrases têm suas próprias regras e podem ser controladas pelo sujeito observador.

A tríplice relação das três representações é um pré-requisito para qualquer atividade conceitual simbólica por sequência de texto. Para Onofre (1994) a representação mental compreende a maneira pela qual o sujeito apreende o mundo, tal apreensão é permeada por fatores físico-culturais e mentais. Nesse processo está refletida a linguagem e se caracteriza por construir as noções que adquirem forma quando postas em relação com outras noções. A atividade de representação é um complexo de vários níveis de operações cuja base está em uma operação elementar primitiva a qual chamamos de operação de localização; um objeto somente adquire uma forma e um valor se contar com um dinâmico esquema de localização. Localiza-se no enunciado um termo X que se direciona ao termo Y em busca de significação.

Na atividade de referenciação os sujeitos enunciadorez atribuem valores referenciais ancorados em um eu, aqui, agora de uma relação predicativa construída. Esta operação se define “como o jogo de operações enunciativas sobre as operações

⁹ No original: “une lexis n’est pas un énoncé: elle n’est ni assertée, ni non assertée, car elle n’est pas (encore) située (repérée) dans un espace énonciatif muni d’un référentiel (système de coordonnées énonciatives)”.

¹⁰ No original: “(...) et famille paraphrastique la classe de énoncés, que l’on peut définir comme une classe d’occurrences modulées”.

predicativas” (Fuchs, 1979, p. 33, tradução nossa)¹¹; neste jogo apenas uma parte do significado do enunciado se manifesta estabilizado e regulado no sistema da língua.

A atividade de regulação possui um papel central na atividade de linguagem e pode ser realizado por três operações de teleonomia – um processo da regulação dos valores para acessar as ocorrências ¹². O sistema linguístico é autorregulado pelo sujeito por meio de uma reflexão consciente, ou não, sobre sua própria atividade de linguagem. A relação intersubjetiva consiste em ajustar os quadros de referências e de representações, além de validar um enunciado com respeito a um estado de coisas ou ainda com uma classe de estado de coisas, em construir caminhos valorizados e trajetórias direcionadas a objetivos em espaços ponderados. A ponderação é relativa aos benefícios ou efeitos prejudiciais e, por fim, “é concernente a processos internos como estabilização, equilíbrio de preponderâncias e em geral, boa forma” (Culioli, 1990, p. 181, tradução nossa)¹³. Regular os termos dentro de um enunciado propicia sempre alguma estabilização, mesmo que momentânea, para que dessa maneira os sujeitos enunciadore sejam minimamente compreendidos em seus modos de pensar. Cada enunciador regula as unidades linguísticas a seu modo para estabilizá-las na intenção de reconstruir seus valores de acordo com o que se quer expressar em uma dada situação enunciativa.

O efeito regulador que ocorre entre o enunciador e o coenunciador permite que quando o enunciador se exprima em uma dada cena de enunciação, ele se coloque no lugar do coenunciador para interpretar os enunciados e estabelecer sobre ele alguma influência uma vez que é possível imputar suas impressões por meio de suas reações. Consoante Pria (2013), a função reguladora coloca em jogo um aglomerado de relações de alteridade entre representações de um sujeito e aquelas que ele acredita serem as representações de outro sujeito quanto ao universo psico-físico-cultural.

Os modos de regulação recaem sobre princípios invariantes, isso nos permite dizer que nenhuma unidade de uma dada língua funciona e se comporta igual a outra língua. Para Culioli (1999b), tudo seria bem mais simples se funcionássemos com

¹¹ No original: “La référenciation se définit donc comme le jeu d’opérations énonciatives sur des opération prédictives”.

¹² Teleonomia é um processo da regulação dos valores para acessar as ocorrências (ver Culioli, 1990, p.181 e 1999b, p. 24).

¹³ No original: “concerns such internal processes such as stabilization, preponderance, equilibrium and, generally speaking, good form”.

etiquetas lexicais que estabelecessem uma relação imutável entre uma representação imaterial e os objetos do mundo. Isso nos seria mais cômodo, pois assim nós, enquanto linguistas, teríamos como emparelhar um léxico pré-construído com fragmentos de experiências. Mas como isso não acontece, o nosso trabalho surge para que possamos operacionalizar a linguagem que “enquanto sistema de representação suscetível de funcionar como metalíngua, oculta propriedades formais específicas que podem ser retomadas a partir de dados empíricos” (Franckel; Paillard, 2006, p. 266). Com a descoberta dos dados empíricos, atualizam-se as invariantes que se erigirem e se constitui a partir daí os parâmetros e os instrumentos da metalíngua. Não há modelos pré-estabelecidos para responder a questionamentos diferentes daqueles que tratam a linguagem porque os princípios que a regulam são internos a ela, ou seja, não existe nada exterior à linguagem, através da variação dos observáveis nas línguas chega-se a tal conclusão.

Segundo Franckel e Paillard (1989) toda ocorrência inscreve-se num duplo conjunto de delimitação, com ponderações variáveis. A primeira delimitação é chamada de Quantificação (Qnt), é uma manifestação espaço-temporal, que enquanto tal se distingue de uma outra manifestação espaço-temporal. Diz respeito ao conjunto de operações elementares que nem sempre estão visíveis na superfície das línguas. O ser humano consegue materializar uma noção (nível 1), que é nível das representações mentais e transformá-la em uma palavra (nível 2), que é o nível linguístico. Nesse momento, o campo pré-assertivo no qual se encontrava a noção é quantificado e localizado em uma dada situação de enunciação definida em um espaço-temporal. Esta delimitação não é dissociável da pertença da ocorrência a uma classe de ocorrência. “A operação classificada Qnt (quantificação) que fundamenta esta delimitação está ligada à ancoragem situacional (predicação da existência)” (Franckel; Paillard, 1989, p. 122).

A segunda delimitação é a Qualitativa (Qlt). Neste caso uma ocorrência pode ser qualificada de forma singular e diferencial. Essa operação acontece quando nós efetuamos uma diferenciação ou identificação em torno de uma unidade linguística. É uma operação que afeta alguma coisa pré-construída e que nos possibilita a expansão do domínio do objeto de que temos algum registro prévio na memória.

Estas duas formas de delimitações definem dois tipos de relação com a classe de ocorrências: relação de heterogeneidade (QNT) - a ocorrência é uma entre outras - e relação de alteridade (QLT) - a ocorrência é considerada

como sendo de singularidade qualitativa (Franckel; Paillard, 1989, p. 122, tradução nossa)¹⁴.

Cada vez que enunciamos uma expressão linguística guardamos as informações nela contida em forma de operações abstratas para que tais expressões fiquem à nossa disposição para o próximo uso – seja este uso equivalente (operação de identificação) ou diferente (operação de diferenciação).

A encarnação de uma noção sob forma de linguagem é a passagem a uma materialidade ao mesmo tempo que a um sistema de referenciação. Tem-se o acesso à materialidade que são os traços, que constituem os agenciamentos de formas, não à passagem da qual nós não sabemos nada. Esta passagem de uma representação mental, incorpórea a uma atividade permitida de referência corresponde a um “pôr em ordem” da noção que nós já compreendemos, ou seja, o nível metalinguístico que é marcado pela operação Qnt, segundo afirma Culioli (1999b). Essa operação se funda sobre uma operação fundamental de construção ligada à predicação de existência.

4. Corpus e análises

Abaixo, apresentaremos cinco enunciados nos quais há o emprego do marcador /mão/. Na coluna **A**, mantivemos todos os enunciados grafados tal qual consta na fonte. Na coluna **B**, nós os manipulamos de modo que /mão/ e seus determinantes fossem pluralizados. Observe:

Quadro 1 – Enunciados com o marcador /mão/

Coluna A	Coluna B
1. “... são instrumentos do cérebro humano, criados <u>pela mão</u> do homem, órgãos materializados do saber...”	1a “... são instrumentos do cérebro humano, criados <u>pelas mãos</u> do homem, órgãos materializados do saber...”
2 “... algumas crianças foram penalizadas por limparem <u>a mão</u> suja de cola na roupa, como pontuado no manual norte-americano”.	2a “... algumas crianças foram penalizadas por limparem <u>as mãos</u> sujas de cola na roupa, como pontuado no manual norte-americano”.

¹⁴ No original: “ces deux formes de délimitation définissent deux types de rapport à la classe d’occurrences: rapport d’hétérogénéité (QNT) – l’occurrence est une parmi d’autres – et rapport d’altérité (qlt) – l’occurrence est considérée dans sa singularité qualitative”.

3 “Maria Valéria meteu <u>a mão</u> dentro do jarro do lavatório e respingou água fria no rosto do afilhado”.	3a “Maria Valéria meteu <u>as mãos</u> dentro do jarro do lavatório e respingou água fria no rosto do afilhado”.
4 “Nunca mais vi <u>a mão</u> do menino”.	4a “Nunca mais vi <u>as mãos</u> do menino”.
5 “Carlota passou <u>a mão</u> nos meus ombros”.	5a “Carlota passou <u>as mãos</u> nos meus ombros!”

Para nós, a noção <ser mão>, na coluna **A**, está preponderando em todos os enunciados, ao ponto de ser desnecessária a marcação de plural para se dar a ideia que é mais de uma mão que está em jogo.

Diante dessas manipulações, afirmamos que saindo de uma apreciação vista pela perspectiva do cultural, enxergamos que esses enunciados possuem características que mostram o funcionamento da noção < ser mão> como um espaço de *blending* porque da coluna **B** para a coluna **A** existe a equidade entre singular e o plural em suas ocorrências. Existe um suporte enunciativo que garante tal funcionamento porque a noção <mão> aponta para a assunção de uma parte do corpo. A linguagem garante a equilibração para a realização do *blending* visto que a noção <ser mão>, aqui, é uma mão singular que existe em uma descrição no espaço e no tempo.

Já em um enunciado como “Muitos tiveram que abrir mão de imóveis e outros bens para quitar suas dívidas bancárias”.

Na instauração dos operadores QNT e QLT para o processo de individuação da noção <ser mão>, colocamos em jogo as ponderações que dão conta das operações de determinação. Ao dizermos “vá lavar a mão” materializamos a noção (nível 1) <ser mão, ser lavável, ter dedos, ficar localizado no braço, ter unhas, ter tendões, ter pele, ter nervos, ter ossos, ter sangue etc.> transformando-a em uma forma linguística (nível 2) /mão/. O campo pré-assertivo da noção <ser mão> é quantificado e localizado nesta situação de enunciação também definida em um espaço e em um tempo. É o operador Qnt que determina a quantificação da noção <ser mão> e, concomitante a isso, é o operador Qlt que realiza sua qualificação.

Quando alguém diz “lave a mão”, de pronto, já é possível realizar a identificação entre duas ocorrências do domínio nocional de <ser mão>. É essa identificação que especifica a ocorrência mostrando que o marcador /mão/ é um referente em relação à noção <mão>. Há a ancoragem de predicação de existência da noção <ser mão>.

A primeira delimitação é a operação classificada Qnt e a segunda delimitação é a Qlt na qual a noção <ser mão> pode ser qualificada de forma diferencial. O marcador /mão/ pode ter relação de heterogeneidade ou pode ser uma ocorrência singular. Em cada situação de enunciação, os enunciadores guardam informações relativas a esta unidade morfolexical em forma de operações abstratas para que eles possam empregar em outras situações enunciativas.

Construindo uma ocorrência por extensão por meio do operador Qnt, nós estabelecemos que o marcador /mão/ é um referente para a construção de uma ocorrência em que se é possível apreender e localizar no espaço-temporal o que é <ser mão> no singular e no plural.

Num enunciado como “Ela não lava as mãos para preparar os alimentos. E logo estão todos com diarreia”, o morfema -s, que é indicador de plural, é uma marca que denota alguma estabilização momentânea por meio das operações de determinação: a qualificação e a quantificação. Nesta enunciação, as marcas de plural não estão presentes gratuitamente na cena enunciativa. “Vá lavar as mãos...” possui um valor descritivo enquanto “vá lavar a mão” não tem. A noção <ser mão> está funcionando como espaço para o *blending* porque o que se pretende explicitar é que um ser humano, em condições físicas normais, possui duas mãos e que no ato de lavar elas são postas automaticamente no processo de lavagem. É muito raro alguém pôr embaixo de uma torneira apenas a mão direita e depois a mão esquerda. Veja que é um processo empírico e natural.

5. Algumas reflexões sobre a análise.

Pautados pelos fundamentos culiolinos intentamos comprovar a hipótese de que o *blending* não é uma categoria morfossintática nas línguas naturais, mas uma categoria de linguagem. A partir da análise do marcador /mão/ observamos que, para estabilizar temporariamente um valor na busca de apreender suas abstrações, é preciso percorrer o trajeto cognitivo porque nessa jornada as representações linguísticas não caminham despartadas do processo de construção de significação.

O exercício de análise nos permitiu apontar as seguintes generalizações: o espaço e o tempo são suportes enunciativos que garantem o funcionamento do *blending* nos enunciados analisados; a existência da preponderância nos enunciados de uma noção que denota a não exigência de um plural para se dar a ideia de que o

marcador /mão/ é mais de um em jogo; é a atividade de linguagem que garante a equilíbrio para o funcionamento do *blending* visto que a ocorrência da noção <ser mão> no singular existe em uma descrição no tempo-espaco; o morfema -s, que é comumente considerado indicador de plural, em alguns casos é um fator que indica estabilização temporária da noção <ser mão> por meio das operações de quantificação e qualificação; o marcador /mão/ pode funcionar como *blending* mesmo estando no singular porque o funcionamento do enunciado se prolifera a partir do processo de construção de sentido; o funcionamento de *blending* está sujeito à dinâmica de interação entre as unidades morfolexicais no interior do enunciado; a linguagem por si só não faz distinção entre o que é plural e o que não, o *blending* está a cargo do cultural.

Considerações finais

A primeira etapa do nosso percurso teórico demonstrou, por meio de excertos de Perini (2010) e Mourão (2023), que o objetivo da GT não são as questões semânticas, mas o delineamento do que é classificável e descritível nas línguas naturais. Daí o *blending* ficar de fora de seu escopo para explicar o número.

A segunda etapa, focada na TOPE, demonstrou que a linguagem em si não faz distinção entre o que é o que não *blending*, já que quem o faz é o cultural. No PB, os falantes empregam constantemente o singular/uno e plural/múltiplo e fazem síntese quando precisam empregar um conjunto ou designar um par, e é nesse contexto que o fenômeno *blending* emerge, por empacotar num só termo no singular uma representação em que está implícita a ideia de plural.

Vimos também que a TOPE apreende articuladamente linguagem e línguas naturais, léxico e gramática porque relaciona o processo da enunciação com mecanismos cognitivos, semânticos e sintáticos que discriminam determinadas formas para a expressão, e não outras. O sujeito falante faz representações nas quais equilibra sua idiosincrasia com as experiências do outro formando uma teia de referências para que desta maneira componha um repertório para a interação verbal.

Buscamos ainda, sobretudo pela análise, demonstrar que a linguagem é o meio pelo qual os enunciadores encontram sustentação para apreender o sentido das unidades morfolexicais e a partir daí estabelecerem ajustamentos de suas

prospecções acerca do mundo, dos seres, dos objetos, das ideias. Se o exercício metalinguístico que fizemos buscou comprovar que as unidades linguísticas não vêm prontas para serem empregadas nas situações comunicativas, é porque é no processo enunciativo de cada interação verbal, que é sempre única, que se funda a significação.

Referências bibliográficas

Ali, Manuel S. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 8. ed. rev. Brasília: Melhoramentos/Editora UnB, 2001.

Camara Jr., Joaquim M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2015.

Culioli, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**: domaine notionnel. Paris: Ophrys, Tome 3, 1999b.

Culioli, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**: formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, Tome 2, 1999a.

Culioli, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**: opérations et représentations. Paris: Ophrys, Tome 1, 1990.

Cumpri, Marcos L. A linguística culioliana e seus subsídios para investigação dos mecanismos semânticos das línguas naturais. **Revista Ecos**, v. 22, ano 14, n. 1, 2017.

Franckel, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. Objet – complément – repère. **Langages**, v. 24, n. 94 (Détermination énonciation, référence), p. 115-127, 1989.

Franckel, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. Aspectos da teoria de Antoine Culioli. **Orgonon**, n. 40/41, p. 257-272, jan./dez. 2006.

Franckel, Jean-Jacques; Paillard, Denis. Aspectos da teoria de Antoine Culioli. *In*: De Vogüé, Sarah; Franckel, Jean-Jacques; Paillard, Denis. **Linguagem e enunciação**: representação, referência e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

Mourão, Jessé. A concordância de número no português brasileiro: uma análise formal no quadro na gramática léxico-funcional. **Fórum Linguístico**, v. 20, n. 3, p. 9231-9253, jul./set. 2023.

Onofre, Marília B. **A indeterminação na linguagem**: inconsciência e manipulação. 1994. 173 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1994.

Paillard, Denis; Robert, Stéphane. Langues diverses, langues singulières. *In*: Robbert, Stéphane (org.). **Langage et sciences humaines**: propos croisés. Actes

du colloque en hommage à Antoine Culioli (Ecole Normale Supérieure, Paris, 11-12-1992). Bern: Peter Lang, 1992, p.117-143 (Collection Sciences pour la communication, 46).

Perini. Mário A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

Pria, Albano D. A especificidade linguística e não-linguística em articulação com a atividade de linguagem. **Signo**, v. 38, n. 64, p. 50-65, jan./jun. 2013.

Rezende, Letícia M. A indeterminação da linguagem: léxico e gramática. **Alfa**, v. 44, p. 349-362, 2000.

Rezende, Letícia M. Atividade epilinguística e o ensino de língua portuguesa. **Revista do GEL**, v. 5, n. 1, p. 95-108, 2008.

Romero, Márcia. Teoria das operações enunciativas. *In*: Romero, Márcia; Goldnadel, Marcos; Ribeiro, Pablo N.; Flores, Valdir do N. **Manual de linguística: semântica, pragmática e enunciação**. Petrópolis: Vozes, 2019, p.175-237.